

*Hispanidad e a fraternidade hispano-americana: debates raciais e guerra de 1898 na virada do século XIX para o XX**

REGIANE GOUVEIA**

Fundação Oswaldo Cruz

Resumo: Em fins do século XIX e início do XX proliferaram intensos debates raciais, na Europa e na América, entre os defensores da raça anglo-saxônica e os da raça latina. Esses debates, aliados ao resultado da guerra hispano-americana, em 1898, colaboraram para o surgimento da *hispanidad*, comunidade espiritual imaginada entre Espanha e América Hispânica. O objetivo desse artigo é analisar como a derrota espanhola para os Estados Unidos contribuiu para o processo de retomada das relações entre a antiga metrópole e as ex-colônias, promovendo um intenso intercâmbio entre intelectuais de ambos os lados do Atlântico, através da valorização da tradição hispânica. Mostraremos como o resultado da guerra hispano-americana, potencializou esse debate e colaborou para, posteriormente, o surgimento da *hispanidad*, entendida aqui como uma expressão das ideias raciais.

Palavras-chave: *Hispanidad*; Debates raciais; Guerra hispano-americana.

Abstract: In the late-nineteenth and early-twentieth centuries, intense racial debates between defenders of the Anglo-Saxon race and supporters of its Latin counterpart proliferated in both Europe and the Americas. These debates, linked to the outcome of the 1898 Spanish-American War, contributed to the rise of the concept of *hispanidad*, an imagined spiritual community between Spain and Hispanic Latin America. This article analyzes how the Spanish defeat to the United States contributed to the process the renewal of relations between the old metropolis (Spain) and its ex-colonies in the Americas. These newfound alliances promoted an intense exchange between intellectuals from both sides of the Atlantic through the valorization of the Hispanic tradition. This article demonstrates how the outcome of the Spanish-American War gave rise to this debate and contributed to the ascendance of *hispanidad*, understood here as an expression of racial ideas.

Keywords: *Hispanidad*; Racial debates; Spanish-American War.

* Recebido em 16 de agosto de 2015 e aprovado para publicação em 26 de setembro de 2015.

** Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Desenvolve a pesquisa “América Latina Enferma: racismo, positivismo e *hispanidad* no pensamento político latino-americano em fins do século XIX e início do XX”. Bolsista do PDSE/CAPES. E-mail: regiane_gouveia@yahoo.com.br.

Em meados do século XIX, o desenvolvimento das ciências, nos mais variados âmbitos,¹ proporcionou grande entusiasmo entre a intelectualidade europeia e americana. As descobertas que surgiam, sobretudo na biologia, na química e na medicina, não apenas propiciaram significativos êxitos nessas áreas, como também passaram a ser aplicadas para explicar o homem e a sociedade. O discurso científico foi utilizado para respaldar velhas teorias e justificar preconceitos que vinham de longa data. A partir disso, o racismo ganhou uma justificação biológica, que impunha a determinados grupos humanos uma inferioridade inata e que, de acordo com algumas dessas ideias, jamais seria redimida (GOULD, 1999, p. 18).

Nesse contexto, o desenvolvimento científico tornou-se sedutor, principalmente para a *intelligentsia* latino-americana, em função de representarem oportunas formas racionais de tratar o mundo social e natural, sem os inconvenientes das considerações religiosas tradicionais (STEPAN, 2005, p. 50). Os intelectuais estudaram entusiasmados os trabalhos de importantes teóricos europeus, como Herbert Spencer, Ludwig Gumplowicz, Gustave Le Bon, entre outros, e adotaram a ciência como uma forma de conhecimento progressista.

Em 1857 Spencer publicou a obra *Do Progresso: Sua lei e sua causa*, na qual procurava explicar a evolução do universo, partindo da ideia de que haveria uma causa comum do progresso que se daria em todas as instâncias, tanto astronômica, geológica, orgânica, social e econômica. Spencer inspirou-se nos estudos do naturalista russo² Karl Ernst Von Baer (1792-1876) e sua formulação sobre a evolução orgânica – pensada exclusivamente para o plano da biologia animal e vegetal – que propunha que todo organismo consistiria em uma mudança do homogêneo para o heterogêneo e do simples para o composto e esta constante transformação é que constituía uma lei. Spencer

¹ No século XIX houve uma proliferação de inventos com os desenvolvimentos na química, na física e na biologia. Nesse momento, surgiu o motor de explosão, o telefone, o microfone, a radiotelegrafia, a lâmpada elétrica, o transporte público mecanizado, a máquina de escrever, uma intensa circulação de notícias impressas a baixo custo, as primeiras fibras sintéticas, a seda artificial, o plástico sintético. E muitas dessas novidades surgiram em um transcurso de quinze anos, entre 1867 e 1881 (BARRACLOUGH, 1964, p. 45).

² Karl Ernst von Baer nasceu na atual Estônia que na época fazia parte do Império Russo.

se apropriaria dessa formulação para aplicá-la na compreensão de outros fenômenos (não biológicos), denominados por ele de “super orgânicos”, como os fenômenos culturais, sociais e humanos. Da mesma forma que o progresso ficava evidenciado na história biológica, para Spencer (2002, p. 9-10) ele também se apresentaria no desenvolvimento do ser “mais moderno” e “mais heterogêneo” de todos: o homem.

Em 1883, o austríaco Ludwig Gumplowicz (1838-1909) publicou *A Luta de Raças: estudos sociológicos*. Nessa obra, a raça foi tomada como categoria explicativa primordial de todos os processos humanos. Esse autor percebia que o destino da humanidade era conduzido por um constante combate entre as raças, cujo resultado seguia uma regra clara, o elemento étnico mais poderoso sobressaía e logo impunha o seu domínio sobre as demais (GUMFLOWICZ, 1939, p. 362).

Uma década depois de *A luta de raças*, Gustave Le Bon (1841-1931) publicou a obra *Leis psicológicas da evolução dos povos* (1894), que exerceu uma grande influência no pensamento europeu e latino-americano. Neste livro o escritor francês defendia que os caracteres psicológicos seriam determinantes nas raças e que, portanto, a história de um povo e sua civilização derivaria desses critérios (LE BON, 1910, p. 8). O autor estabeleceu hierarquias entre os grupos sociais, que em sua opinião poderiam ser divididos em quatro raças, de acordo com as suas características psicológicas gerais: primitivas, inferiores, médias e superiores. Entre as raças primitivas estariam as que não possuíam cultura, como os habitantes da Terra do Fogo, no extremo sul da América, e os australianos. Logo após, as raças inferiores estariam representadas pelos negros, que embora capazes de noções de civilização, nunca teriam abandonado o estado de barbárie. Entre as raças médias se encontrariam os chineses, os mongóis e os semíticos, que teriam sido superados pelos indo-europeus, principais representantes das raças superiores, construtores de civilizações capazes de desenvolver as artes, as ciências e as indústrias (LE BON, 1910, p. 32).

Essas concepções acabaram contribuindo para que tanto a história da Europa como as suas tensões políticas fossem aos poucos sendo identificadas como decorrentes das lutas entre diferentes raças europeias (QUIJADA, 1997, p. 597). Essa situação se refletia de forma geral no

pensamento europeu ocidental e encontrou terreno fértil nos países que passavam por crises decorrentes de políticas desastrosas, como por exemplo, a França, que após a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), e a consequente perda dos territórios de Alsácia e Lorena, mergulhou em uma grave crise nacional (MARROYO, 2000, p. 133).

As doutrinas raciais que surgiram no século XVIII baseavam-se em três pressupostos fundamentais: o primeiro partia da ideia de que os homens pertenciam a diferentes grupos denominados de “raças”. Cada raça seria composta por homens que possuíam alguma unidade física, que determinariam características psicológicas e culturais; o segundo se refere à ideia de que o indivíduo era determinado pelo grupo que pertencia, por último, a defesa de uma hierarquia entre as raças. Essa hierarquia foi estabelecida a partir dos estudos da história das sociedades europeias, que, de acordo com os teóricos raciais, revelavam uma inferioridade de outros povos, pertencentes a outras raças em relação aos europeus (RAMOS; MAIO, 2010, p. 29).

Não à toa, no final do século XIX, milhares de ocidentais, influenciados por ideólogos do período, acreditavam que o progresso e o poder estavam estritamente relacionados com as características raciais. Eram essas que determinariam os triunfos e fracassos dos povos (BIAGINI, 2000, p. 44). Diversas obras publicadas nesse período, dialogando com essas ideias, procuraram assinalar a superioridade anglo-saxônica frente aos latinos. Em *À quoi tient le supériorité des Anglo-Saxons?* (1897), por exemplo, o francês Edmond Demolins (1852-1907) afirmou a inferioridade e a decadência da raça latina e mestiça, em contraposição ao desenvolvimento material dos anglo-saxões (MARROYO, 2000, p. 133).

Seguindo uma abordagem próxima à de Demolins, outro francês, Léon Bazalgette (1873-1928) publicou, em 1903, *Le problème de l'avenir latin*, no qual fazia reflexões por um viés organicista e procurava demonstrar a necessidade de se regenerar a essência latina. Esta teria sido, segundo ele, corrompida pela mistura de raças e impedida de alcançar a modernização. Para Bazalgette, a situação na qual os povos latinos se encontravam só poderia ser resolvida a partir de um drástico processo de deslatinização. Tal processo começaria pela reconstituição corporal de uma “raça caída

e degenerada”, essa se daria por meio da educação das crianças, a mesma utilizada na criação de cavalos (BIAGINI, 2000, p. 47).

Após essas medidas, uma leva de eugênicos³ seria enviada aos países mais adiantados de modo a ser integrados a sociedade, para “lavar o cérebro latino”. Por fim, juntamente com a reforma física e mental, ocorreria a purificação religiosa, para acabar com os resquícios do catolicismo. Seguindo esse programa, segundo Balzagette, o processo de deslatinização reverteria o estado de degeneração em que os latinos se encontravam, visto que a lei da sobrevivência exigia que os inúteis fossem eliminados, bem como as nações “anacrônicas” submeter-se-iam as mais adiantadas (BIAGINI, 2001, p. 15).

No âmbito desses debates, as teorias sobre a inferioridade e a decadência da raça latina não ficaram sem respostas. Diversos intelectuais, adeptos do latinismo, se empenharam em demonstrar o contrário do que era afirmado a respeito da raça latina, destacando suas virtudes. O uruguaio Victor Arreguine (1863-1924), por exemplo, publicou, em 1900, a obra *En qué consiste la superioridad de los latinos sobre los anglosajones*, na qual fazia um juízo depreciativo dos ingleses e exaltava a raça latina.

Dentro do ramo latino abriu-se espaço para a exaltação da raça ibérica, associada à nobreza, à honradez e à generosidade. O chileno Alberto del Solar (1860-1920), por ocasião da guerra hispano-americana, em 1898, se levantou contra a doutrina Monroe, que designava como um simples instrumento do destino manifesto ianque. Solar estabeleceu diferenças entre a Espanha e os Estados Unidos, caracterizando o país ibérico como descobridor de mundos e civilizador de raças. A Espanha, por sua generosidade, de acordo com o autor, foi capaz de oferecer seu sangue, sua religião, sua astúcia e suas leis e ao transmitir tudo isso, acabou transferindo “parte de su propia vida”, debilitando suas forças e consumindo a si mesmo. Em contraposição, os Estados Unidos são caracterizados como um país soberbo e ingrato, que olharia os vizinhos do Sul, como semisselvagens, “después de recibir de aquella a quien hiera hoy, el beneficio de la existencia

³ “Higiene Racial” e “Ciência do aperfeiçoamento humano” foram algumas formas utilizadas para se referir à eugenia, movimento científico e social que se desenvolveu na Europa em fins do século XIX e início do XX, e que logo ganharia ampla adesão na América.

en el suelo donde mora, viven allí destinados a desarrollarse a expensas de todo lo que le circunda” (SOLAR *apud* BIAGINI, 2000, p. 52).

Muitas obras publicadas nesse período procuraram explicar a difícil situação em que os países de origem latina se encontravam, devido as derrotas sofridas frente a países anglo-saxões, como: a Guerra Franco-Prussiana (1871); a guerra da Itália na Etiópia (1896);⁴ o *ultimatum* inglês de 1890 que colocou fim ao projeto português de um grande império na África austral, da costa atlântica à costa do Índico (MATOS, 2001, p. 150) e; em 1898 a derrota espanhola para os Estados Unidos. Tais acontecimentos foram percebidos como evidências da inferioridade latina. Em um momento em que a dicotomia entre as raças era corrente, fazer parte de uma ou outra raça trazia implicações significativas. Esse debate não ficou limitado às fronteiras europeias, logo ganhou espaço em terras americanas. Por um lado, contava com um grande representante da raça anglo-saxônica, que vinha despontando como potência imperialista, e por outro, com outras dezenas de representantes da raça latina, que naquele período, de acordo com algumas interpretações, parecia confirmar a decadência dessa raça.

Apresentado, em linhas gerais, o debate intelectual que perpassou o século XIX e início do XX, examinaremos adiante as implicações da guerra hispano-americana no desenrolar dessa discussão. Mostraremos também como a vitória norte-americana sobre a Espanha contribuiu para a retomada das relações entre os países hispano-americanos e a ex-metrópole, o que levaria posteriormente, ao surgimento da *hispanidad*, vista como uma expressão das ideias raciais.

A “hispanidad”

Os avanços científicos no século XIX permitiram que temas envolvendo a disputa de raças ganhassem amplo espaço nas esferas política e intelectual, tanto na Europa quanto na América. O debate travado entre

⁴ A derrota da Itália na Batalha de Adwa, em 1896, pela Etiópia, também fortaleceu a ideia da decadência da raça latina.

os defensores da raça latina e os da raça anglo-saxônica teve uma influência significativa na produção de vários intelectuais da época. Naquele momento em que alguns países da Europa se encontravam em crise, em meio à luta pela emancipação do Caribe e ao receio da política expansionista norte-americana, intensificaram-se as conjecturas acerca da superioridade ou inferioridade dos povos latinos frente aos anglo-saxões.

Na América, em fins do século XIX, a Espanha ainda conservava como colônias Cuba e Porto Rico, que embora houvesse décadas lutassem pela independência, ainda permaneciam sobre o domínio espanhol.⁵ Em 1895 explodiu mais uma revolta em Cuba, liderada por José Martí (1853-1895), que pereceu nos primeiros meses de luta. A guerra se estenderia por mais três anos, até que os Estados Unidos intervissem. Logo da entrada do “gigante do norte”, a Espanha foi facilmente vencida. Além de perder as últimas possessões na América, o país ibérico, no tratado de Paris, assinado em dezembro de 1898, teve que renunciar também a Ilha de Guam e as Filipinas no Pacífico. Após essa derrota, surgiu na Espanha um grupo de intelectuais que ficaram conhecidos como a “Geração de 98” ou regeneracionistas.⁶

Essa geração foi marcada pelo pessimismo e surgia em um momento em que a palavra intelectual ganhava novos significados, principalmente na Espanha e na França, onde homens de ciência e cultura começavam a intervir no debate público por meio de manifestos e da imprensa.⁷ A geração de 98, diante do *desastre*, maneira como se referiam à derrota espanhola, procurou analisar as causas da catástrofe que se abatera sobre o antigo império, isto é, o que teria levado a Espanha à situação de decadência que se encontrava.

⁵ A respeito da guerra hispano-cubano-norte-americana ver o trabalho de Manuel Moreno Friginals que aponta importantes antecedentes das relações de Cuba com a Espanha, antes de 1895. Esse autor chama a atenção para que a guerra de 1898 não foi apenas um conflito entre Espana e Estados Unidos, mas uma guerra que ocorreu em meio a outra guerra (MORENO FRAGINALS, 2004, p. 15).

⁶ Cabe ressaltar que muitos intelectuais que foram associados a esta geração negavam a existência da mesma.

⁷ Essa mudança na palavra intelectual guarda relação com o conhecido caso Dreyfus, que levou intelectuais a se manifestarem publicamente, a partir da carta de Emile Zola, *J'accuse* dirigida ao então presidente da França, Félix Faure, em 13 de janeiro de 1898, no jornal *L'Aurore* (MARROYO, 2000, p. 134).

Nessa perspectiva, os intelectuais espanhóis, diante da crise na qual a Espanha se viu envolvida, se uniram tendo em vista a regeneração de seu país. Essa regeneração viria, segundo eles, através da modernização, sem, contudo, negar a identidade. Além das condições materiais, tais intelectuais propunham uma regeneração espiritual da raça hispânica, entendida em um viés cultural, daí a defesa da *hispanidad*.⁸ Dentre os nomes associados a esta geração estão: Miguel de Unamuno (1864-1936), Ramiro de Maeztu (1875-1836), José Martínez Ruiz (1873-1967) (conhecido como Azorín), Angél Ganivet (1865-1898), Antonio Machado (1875-1939) e José Ortega y Gasset (1883-1955) (CAPELATO, 2003, p. 39-40).

A guerra hispano-americana acabou tendo efeitos paradoxais na América Latina. Se por um lado a derrota espanhola fazia com que se intensificassem as propostas de adoção do modelo de desenvolvimento norte-americano, por outro, também contribuiu para a criação de uma imagem negativa dos Estados Unidos, e levou a uma aproximação entre os países hispano-americanos e a Espanha. Desde as guerras de independência as relações entre os dois lados do Atlântico estavam estremecidas. Segundo Eduardo Devés (2001, p. 33), a definição de um inimigo comum propiciou o surgimento de uma rede de solidariedade que criava laços de identidade mediante sensibilidades comuns.

Dessa forma, a guerra hispano-americana, em 1898, de acordo com Mónica Quijada, acentuou ainda mais a polaridade entre latinos e anglo-saxões, o que revelou uma grande capacidade convocatória. Diversos atos públicos e levantamentos populares foram realizados em “defesa da latinidade”. O centro das discussões na época não era a independência cubana, mas a oposição Espanha/Estados Unidos, latinos/anglo-saxões (QUIJADA, 1997, p. 596). O jornal colombiano *El Vigía*, em abril de 1898, afirmara em apoio à Espanha que:

el hecho de que la barbarie, la corrupción y la anarquía se hayan colocado del lado de España, no [les] impide rendir homenaje a la heroica nación y desear su victoria.

⁸ Sobre a *hispanidad* e a geração de 1898 ver: CAÑELLAS (2011).

Que Cuba sea libre, pero que España nunca perezca (*El Vigía apud QUIJADA*, 1997, p. 602).

Para Antonio Mitre (2010, p. 219), a derrota espanhola teria levado a geração de 1898 a um “ato de introspecção e reflexão circunstanciada sobre as causas da catástrofe”. E, a partir disso, surgiram correntes hispano-americanistas que tinham em vista a valorização da antiga metrópole, o que contribuiu para um intercâmbio de ideias entre as ex-colônias e a ex-metrópole. Formava-se assim uma rede que estimulava o contato entre os intelectuais hispano-americanos e espanhóis permitindo um intenso diálogo. O proeminente poeta nicaraguense Ruben Darío (1867-1916), correspondente do jornal argentino *La Nación*, em 1898 viajara à Espanha e, no caminho, exaltou a antiga metrópole em uma crônica:

De nuevo en marcha, y hacia el país maternal que el alma americana – americano-española – ha de saludar siempre con respeto, ha de querer con cariño hondo. Porque si ya no es la antigua poderosa, la dominadora imperial, amarla el doble; y si está herida, tender a ella mucho más (*DARÍO apud DEVÉS*, 2001, p. 23).

Lá, entrou em contato com Miguel de Unamuno, que foi um dos regeneracionistas que mais contribuíram para a rede de intelectuais que se formara. Esse escritor, na primeira década do século XX, se correspondia com vários hispano-americanos, comentava suas obras e estimulava a circulação dessas e de pessoas interessadas pelo tema ibérico e americano (*DEVÉS*, 2001, p. 24). Ele também contribuiu para a divulgação de obras americanas na Espanha, que na época eram vistas com desconfiança e desprezo por muitos dos seus conterrâneos. Pío Baroja, associado à geração de 1898, escrevera de modo desrespeitoso sobre o Novo Mundo. Este autor deixou claro a falta de simpatia que sentia tanto pelos hispano-americanos, quanto por sua produção intelectual. Fez críticas à Sarmiento, Manuel Ugarte, José Ingenieros e Ricardo Rojas, declarando: “*¿Qué oleada de vulgaridad, snobismo, chabacanería nos há venido de América?*” (*BAROJA apud ALAZRAKI*, 1996, p. 756).

Unamuno não compartilhava dessa opinião, incentivou a unidade do “mundo hispânico” e defendeu a existência de laços sanguíneos entre a Espanha e a América Hispânica, ressaltando a importância de que se conhecessem mutuamente e os benefícios que poderiam sobrevir com a aproximação espiritual entre as duas margens do Atlântico. Rafael Altamira (1866-1951) também estimulou a aproximação e o desenvolvimento de políticas culturais, com o intuito de recuperar o prestígio espanhol nas antigas colônias, persuadindo-as da “possibilidade de conviver espiritualmente” (DEVÉS, 2001, p. 31).

Por quase um ano, entre 1909 e 1910, Rafael Altamira proferiu conferências na Argentina, Uruguai, Chile, Peru, México e Cuba, entrevistou-se com personalidades da cultura e da política, entrevistou especialistas americanos sobre metodologia da história, aspectos jurídicos, organização universitária, reforma social e temas variados de história da Espanha. Também transmitiu todas as reflexões e realizações reformistas levadas a cabo na Universidade de Oviedo, de onde procedia, com o desejo de mostrar uma Espanha moderna e insistindo no interesse isento de quaisquer resquícios de colonialismo da Espanha pela América (CALLE VELASCO, 2004, p. 157).

Essa insistência em deixar claro uma amizade desinteressada por parte da Espanha, pode estar ligada ao fato de que ainda, em 1864, esse país não reconhecia o Peru como nação independente.⁹ Nesse momento ocorreu um conflito entre o país andino e a ex-metrópole quando uma esquadra militar espanhola capturou as ilhas guaneras de Chincha, sob o argumento de que a justiça peruana teria sido negligente em relação a um incidente, ocorrido, no ano anterior, na fazenda de Talambo. Nesse episódio, um trabalhador espanhol foi assassinado e outros quatro ficaram feridos em uma agressão que, segundo a Espanha, teria sido promovida pelo fazendeiro. Além disso, esse país reivindicava dívidas não pagadas pelo Peru à Real Hacienda espanhola, antes da independência. As negociações desse conflito foram longas e tensas (CONTRERAS; CUETO, 2013, p. 153).

⁹ Apesar de a trégua na guerra ter ocorrido em 1826.

O Peru acabou cedendo a muitas das exigências espanholas, inclusive o reconhecimento da dívida de décadas antes, através do Tratado Vivanco-Pareja. Em função disso, houve uma revolta armada liderada pelo coronel Mariano Ignacio Prado Ochoa (1826-1901). O novo governo não reconheceu o Tratado firmado com a Espanha e em aliança com o Chile, que também fora ameaçado pela esquadra espanhola, declararam guerra à antiga metrópole, em 1866. Não demorou e Equador e Bolívia também se uniram ao Peru e ao Chile. Poucos meses depois, a Espanha se retirou do conflito, mas antes bombardeou os portos de Valparaíso, no Chile e de Callao, no Peru (CONTRERAS; CUETO, 2013, p. 155).

Tal conflito fez com que reacendessem as desconfianças das ex-colônias espanholas em relação a ex-metrópole. Em um momento em que o imperialismo europeu, principalmente na África e Ásia, deixava os países latino-americanos alertas em relação aos perigos que também poderiam sobrevir para esse continente.¹⁰ Não por acaso, em alguns momentos a *hispanidad* foi percebida com desconfiança por parte de intelectuais latino-americanos, o cubano Fernando Ortiz (1881-1969), por exemplo, criticou a Rafael Altamira e outros intelectuais comprometidos com o hispano-americanismo. Para ele, a Espanha tinha um projeto “neoimperialista”, embora ressaltasse que se tratava de um “neoimperialismo manso” por ser apenas intelectual e econômico (CALLE VELASCO, 2004, p. 158).

Contudo, após a derrota espanhola, segundo Devés, a imagem que a Espanha passou a ser vista pelos hispano-americanos estava associada a um país humilhado, enfermo e decadente. O que teria levado a uma mudança na percepção da antiga metrópole, tornando-a mais acessível e mesmo sensível. Com efeito, por ocasião da guerra, a Argentina, o Chile e o Uruguai, em solidariedade à Espanha, ofereceram homens e dinheiro para auxiliar no conflito, apesar dos governos dos respectivos países terem procurado se manterem neutros. A opinião pública, contrariando essa neutralidade, fez atos e buscou levantar fundos para ajudar o país ibérico (DEVÉS, 2001, p. 23).

¹⁰ Muitos escritores do período chamaram a atenção para isso desde o final do século XIX, entre eles o cubano José Martí e o venezuelano César Zumeta e, no século XX, o brasileiro Manoel Bomfim e o peruano Francisco García Calderón.

No dia 2 de maio de 1898, ocorreu um ato no Teatro Victoria de Buenos Aires, que tinha em vista tanto repudiar a intervenção estadunidense na guerra, quanto levantar fundos de ajuda à Espanha. Esse ato iniciou com o hino nacional argentino, foi seguido pela Marselhesa, as Marchas Reais da Itália e da Espanha, o prelúdio de “La Dolores” e a Marcha de Cádiz. Roque Sáenz Peña e Paul Groussac se pronunciaram e escreveram versos que foram lidos pelo Cônsul italiano, intitulado “Per la Spagna, canzone di guerra” proclamando a Espanha como herdeira da grandeza de Roma (QUIJADA, 1997, p. 596).

Júlio Sánchez Gómez analisou, por meio dos jornais da época, como a imprensa na América Latina percebeu a guerra hispano-americana. Em jornais da Colômbia, do Uruguai e da Argentina, entre os anos de 1898 e 1906, houve muitas demonstrações de apoio à Espanha e rechaço aos Estados Unidos.¹¹ Diferente do que aconteceu no Brasil, onde a imprensa foi majoritariamente favorável aos Estados Unidos (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2004, p. 174).

À medida que o sentimento de solidariedade para com a Espanha surgia, a imagem negativa dos Estados Unidos era reforçada, juntamente com a percepção de que eles representariam uma ameaça à soberania das nações latino-americanas. Nesse período, houve um intenso intercâmbio entre os escritores, muitos vieram para a América Latina como os espanhóis Unamuno, Valle Inclán, Maeztu, Rafael Altamira e Ortega y Gasset, ao mesmo tempo em que os hispano-americanos Manuel Ugarte, Ricardo Rojas, Rufino Blanco Fombona, Alcides Arguedas, Manuel Gálvez e Alfonso Reyes, viajaram ou se instalaram na Espanha.

Surgiram obras de ambos os continentes que destacavam o espiritualismo da América Latina em relação ao materialismo norte-americano. O já citado poeta modernista Rubén Darío na obra *Cantos de Vida y Esperanza* (1905) exaltou em alguns poemas a antiga metrópole e relegou aos Estados Unidos o papel de antagonista. Nesse sentido, Darío abria espaço para uma nova atitude americana frente às ameaças históricas do “Colosso do Norte”.

¹¹ Sánchez Gómez analisou principalmente os jornais *La Nación*, *La Democracia*, *El Día* do Uruguai; *La Nación* da Argentina; *El Espectador*, *El Porvenir* da Colômbia; *La Opinión Nacional* do Peru; *Jornal do Comércio* do Brasil.

A obra de José Enrique Rodó, *Ariel* (1900), uma das mais famosas, trouxe novamente a polaridade entre as raças. No entanto, em um viés diferenciado no qual as raízes ibéricas eram valorizadas e tomadas como elemento importante constitutivo da identidade latino-americana (GOUVEIA, 2012).

Ao mesmo tempo que em alguns intelectuais propunham a valorização da tradição ibérica, incentivavam uma mudança no comportamento dos latino-americanos, de modo a acabar com o sentimento de inferioridade e pessimismo em relação aos Estados Unidos. Essa frustração refletia as emoções de uma época em que proliferavam análises acerca da condição patológica do continente (AINSA, 2001, p. 103).

É importante ressaltar que Monica Quijada se opõe as análises que atribuem ao *desastre* a dissolução da última barreira que impedia o contato entre Espanha e América Hispânica,¹² e as proposições que defendem 1898 como um divisor de águas nas relações entre elas. De acordo com a autora, essa aproximação já vinha ocorrendo desde os anos de 1870. Em sua opinião, o que teria caracterizado o discurso que se produziu em torno da guerra foi exatamente a racialização extrema das dicotomias, tanto na América como na Europa. Para a autora o conflito entre o país ibérico e os Estados Unidos passou a ser visto como um combate entre duas raças, consideradas antitéticas (QUIJADA, 1997, p. 596).

Para essa autora, sem uma visão racializada da guerra, dificilmente ter-se-ia dado a aproximação afetiva de boa parte da América com a Espanha, até mesmo com os setores liberais daquela primeira, os quais eram, tradicionalmente, anti-hispânicos. Tal aproximação substituiu os termos do debate. O eixo da discussão passou a versar sobre as possibilidades de cada uma das duas raças, não só elevar-se com a vitória na guerra, mas também prosseguir e/ou liderar o caminho da civilização (QUIJADA, 1997, p. 596).

De toda maneira, se o *desastre* não foi determinante para a retomada das relações entre essa intelectualidade, ele seguramente as intensificou e fortaleceu. Expressão disso é a vinda de espanhóis, ligados à geração

¹² Juan García Pérez afirma que a vitória norte-americana sobre a Espanha fez desaparecer os últimos obstáculos que existiam para a aproximação da antiga metrópole com as ex-colônias (PÉREZ, 2000, p. 104).

de 1898, para a América e a maior divulgação da produção cultural dos hispano-americanos na Espanha.

O *desastre*, na concepção de Maria Helena Capelato (2003, p. 36), produziu uma mudança nos olhares recíprocos, que levaria, mais tarde, à construção do conceito de *hispanidad*, fortemente carregado de significado ideológico. Tal mudança e a aproximação entre os intelectuais, contudo, também tinha seu lado questionável. Interesses políticos e ideológicos resultaram na produção de um discurso de exaltação nacionalista que, em 1918, pela primeira vez, apresentou a *hispanidad* como comunidade espiritual imaginada entre a Espanha e a América. Tal ideia acabou servindo de justificativa para projetos antidemocráticos, orientando a formação de grupos nacionalistas de extrema direita dos dois lados do Atlântico (CAPELATO, 2003, p. 45).

No século XX a *hispanidad* foi conquistando um importante lugar nas discussões. Para Miguel Rojas Mix (2000, p. 42) a *hispanidad* se constituiu como uma tradição paradoxal oriunda da frustração e da crise de identidade que se seguiu ao *desastre*. Esta crise acabou por incumbir a geração de 98 da reconstrução do *homo hispanicus*. Unamuno definiu como traços representativos do povo espanhol a moderação, a acuidade, o sentido de honra, a lealdade e o estoicismo. Outros intelectuais, empenhados nessa missão de reconstruir a identidade hispânica, acrescentaram a eles o anti-materialismo e o individualismo, como traços distintivos. No conjunto, tais características serviriam para corroborar a “comunidade de raça” entre espanhóis e hispano-americanos.

A obra *Me duele España* de Unamuno, segundo Rojas Mix (2000, p. 42) “reflejaba el deseo de terminar con la constante decadencia en que se había vivido” e também “afrontar el desafío de la modernidad”. Diante disso, se a *hispanidad* era tomada como a essência do hispânico sua conservação representaria, conforme foi posteriormente destacado por Ramiro de Maeztu, a reestruturação do Império Espanhol, abarcando, por conseguinte, a Espanha e sua descendência (ROJAS MIX, 2000, p. 42).

A guerra de independência cubana, longe de apartar os hispano-americanos da Espanha, promoveu a aproximação entre eles. A intervenção norte-americana, nessa perspectiva, foi percebida como agressão não só à Espanha, mas a todas as nações que compartilhavam dessa mesma língua e tradição. Foi neste cenário que muitos intelectuais latino-americanos

consideraram as agressões à Espanha pelos Estados Unidos como sendo direcionada a toda América Hispânica, nas palavras de Leopoldo Zea (2000, p. 8) “cuya sangre y cultura enraizaba en la nación agredida”. A partir de então, os Estados Unidos foram apresentados como o verdadeiro perigo para a América, e tentou-se substituir a presença política da Espanha – já inviável nesse período – pela sua presença espiritual.

Miguel de Unamuno, em artigo publicado em 1917, intitulado *La Hermandad Hispánica*, censurara a prática recorrente em perceber os países hispano-americanos como afiliados à Espanha. O filósofo espanhol assinalou a necessidade de tratar os países da América Espanhola como nações “hermanas” uma vez que, para ele, o patrimônio espiritual não era legado e sim algo que todas as nações ligadas à Espanha desfrutariam de igual maneira (UNAMUNO, 2001, p. 20).

Maeztu foi um dos principais divulgadores da ideia de *hispanidad*. Em 1927 mudou-se para a Argentina, onde atuou como embaixador. Participou da fundação do jornal *Nueva República*, ligado a extrema direita.¹³ Em 1934, publicou *En defensa de la Hispanidad* obra que trazia uma reflexão sobre a história espanhola e destacava a importância desta nação no mundo. Os partidários na América da *hispanidad* acabaram por privilegiar o termo hispano-americano em detrimento do latino-americano, pois, para eles, o último era demasiado revolucionário e remetia também à influência francesa. Portanto, para os defensores da *hispanidad* o vocábulo “hispano-americano” expressaria melhor a identidade dos povos desta parte do continente.

Assim, o ideário hispanista partiu em defesa de uma identidade comum entre a Espanha e suas ex-colônias na América, de maneira que os traços existentes entre elas configurariam uma civilização hispânica diferente de outras civilizações, como por exemplo, da anglo-saxônica (BEIRED, 2006, p. 1). Logo, a *hispanidad*, surgida no momento em que os debates raciais tornavam-se mais polarizados, em decorrência do resultado da guerra hispano-americana, acabaria atuando como um elemento identificador e integrador entre Espanha e América Hispânica.

¹³ Em 1930, os editores deste jornal chegaram ao poder com o golpe militar de José Félix Uriburu que governou a Argentina de 1930 a 1932 (ROJAS MIX, 2000, p. 45).

Referências

- AINSA, Fernando. Ariel, uma leitura para o ano 2000. *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 613-614, 2001.
- ALAZRAKI, Jaime. Unamuno Crítico de la Literatura Hispanoamericana. *Hispania*, v. 49, n. 4, 1966.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à História Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas. *Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Campinas, 2006.
- BIAGINI, Hugo. *Lucha de ideas en nuestra América*. Buenos Aires; Leviatan, 2000.
- _____. Finales de siglo: contexto ideológico. In: ZEA, Leopoldo; SANTANA, Adalberto (Comp.). *El 98 y su impacto en Latinoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- CALLE VELASCO, María Dolores de la. Hispanoamericanismo. De la fraternidad cultural a la defensa de la Hispanidad. In: VEGA, Mariano de; MARTÍN, Francisco; MORALES MOYA, Antonio. *Jirones de Hispanidad: España, Cuba, Puerto Rico y Filipinas en la perspectiva de dos cambios de siglo*. España: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004, p. 150-172.
- CAÑELLAS, Antonio (Coord.). *América y la Hispanidad: historia de un fenómeno cultural*. España: Ediciones Universidad de Navarra, S.A. Pamplona, 2011.
- CAPELATO, Maria Helena. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. *História*, São Paulo, v. 22, p. 35-58, 2003.
- CONTRERAS, Carlos; CUETO, Marcos. *Historia del Perú Contemporáneo: desde las luchas por la independencia hasta el presente*. 5. ed. Lima: IEP; PUCP; Universidad del Pacifico. CIUP, 2013.
- DEVÉS, Eduardo. El pensamiento latinoamericano entre la última orilla del siglo XIX y la primera del siglo XXI. In: ZEA, Leopoldo; SANTANA, Adalberto (Comp.). *El 98 y su impacto en Latinoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

- GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GOUVEIA, Regiane. *O Enigma Latino-Americano: formação de identidades e polarizações entre América Latina e Estados Unidos nos escritos de Martí e Rodó*. Dissertação (Mestrado em História) - Pós-graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.
- GUMPLOWICZ, Ludwig. *La Lucha de las Razas*. Madrid: La España Moderna, 1939.
- LE BON, Gustave. *Leis psicológicas da evolução dos povos*. Lisboa: Edição da Typografia de Francisco Luiz Gonçalves, 1910.
- MARROYO, Fernando Sánchez. 1898: guerra colonial, crisis nacional y tensiones sociales”. In: ZEA, Leopoldo; MAGALLÓN, Mario (Comp). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- MATOS, Sergio Campos. A guerra hispano-americana (1898): repercussões em Portugal”. *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, v. II, p. 149-161, 2001.
- MITRE, Antonio F. Estado, Nação e Território na Bolívia Oligárquica, 1850-1914. In: PAMPLONA, Marco Antônio; MÄDER, Maria Elisa (Org.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Peru e Bolívia*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- MIX, Miguel Rojas. La Generación del 98 y la idea de América. In: ZEA, Leopoldo; MAGALLÓN, Mario (Comp). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- MORENO FRAGINALS, Manuel. España, Cuba y a guerra hispano-cubana-norteamericana. In: VEGA, Mariano de; MARTÍN, Francisco; MORALES MOYA, Antonio. *Jirones de Hispanidad: España, Cuba, Puerto Rico y Filipinas en la perspectiva de dos cambios de siglo*. España: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.
- PÉREZ. Entre el ‘imperialismo pacífico’ y la Idea de “fraternidad hispanoamericana”: algunas reflexiones sobre la imagen de América Latina en la España de fines del siglo XIX. In: ZEA, Leopoldo; MAGALLÓN, Mario (Comp). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

- QUIJADA, Mónica. Latinos y anglosajones. El 98 en el fin de siglo sudamericano. *Hispania*, 1997, v. LVII/2, n. 196, 1997.
- RAMOS, Jair de Souza; MAIO, Marcos Chor. Entre a riqueza natural, a pobreza humana e os imperativos da civilização, inventa-se a investigação do povo brasileiro. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça como Questão: História, Ciência e Identidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.
- SÁNCHEZ GÓMEZ, Julio. Hermana mayor o enemiga: Latinoamérica frente a Estados Unidos en el cambio de siglo (1898-1906). In: VEGA, Mariano de; MARTÍN, Francisco; MORALES MOYA, Antonio. *Jirones de Hispanidad: España, Cuba, Puerto Rico y Filipinas en la perspectiva de dos cambios de siglo*. España: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004. p. 173-215.
- SPENCER, Herbert. *Do Progresso: sua lei e sua causa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1939.
- STEPAN, Nancy. “*A hora da eugenia*”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- UNAMUNO, Miguel de. *Miguel de Unamuno: Americanidad*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2001.
- WEINBERG, Liliana. Intelectualidad e inteligencia. In: GALEANA, Patricia (Comp.). *Latinoamérica en la consciencia europea. Europa en la consciencia latinoamericana*. México, FCE, 1999.
- ZEA, Leopoldo. 1898, Latinoamérica y la reconciliación iberoamericana. In: ZEA, Leopoldo; MAGALLÓN, Mario (Comp.). *1898 ¿Desastre o reconciliación?* México: Fondo de Cultura Económica, 2000.